

7.00.00.00-0 - CIÊNCIAS HUMANAS

7.08.00.00-6 – Educação

A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA: A LINGUAGEM ORAL DOMINADA E SUA CORRELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM DA ESCRITA

GIOVANNA GAGGINI RODON

Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação

MARIA ANITA VIVIANI MARTINS

Depto de Educação: Formação Docente, Gestão e Tecnologias – Faculdade de Educação

RESUMO: ESTE TRABALHO BUSCOU IDENTIFICAR A CORRELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM ORAL DOMINADA E O SEU APROVEITAMENTO NA APRENDIZAGEM INICIAL DA ESCRITA. A PESQUISA SUSTENTOU-SE EM OUTRAS, QUE DIALOGAM COM A CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM ORAL E REFEREM O SEU DESENVOLVIMENTO COMO UM SISTEMA SIMBÓLICO/SEMIÓTICO INTELIGENTE E OUTRAS QUE FORTALECEM O SOM DO IDIOMA. COMPAROU-SE A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DOS PRIMEIROS ANOS DO FUNDAMENTAL I, VERIFICANDO-SE QUE NAS SITUAÇÕES QUE NÃO SE ADOTA A CARTILHA HÁ PRODUÇÃO DE DISCURSO ARTICULADO, E PROCESSOS DE ABSTRAÇÃO LINGUÍSTICA.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem oral dominada, Representação escrita, Sistema simbólico.

Introdução

A partir de discussões sobre a aquisição da escrita, levantaram-se algumas questões como: a correlação entre a linguagem oral dominada e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Assim, definiram-se os seguintes objetivos: identificar e definir em alunos de primeiros e segundos anos do fundamental I os efeitos da metodologia que faz uso de cartilha de alfabetização e comparar com a que não adota tal modelo, buscando constatar a correlação entre a linguagem oral dominada e a aquisição da escrita.

1. Desenvolvimento

A partir das teorias lidas e dos materiais coletados, pode-se observar uma diferenciação na alfabetização entre crianças entre as quais a oralidade foi aproveitada para a construção da escrita, e aquelas cuja oralidade não foi relevante para o processo.

Os materiais foram coletados em escolas distintas, cujas técnicas de alfabetização são diferentes. Uma têm postura formal e utilizam a cartilha para a alfabetização de seus alunos. Outras têm técnicas próprias, buscam alfabetizar a partir dos conhecimentos prévios dos seus educandos.

Foi feita uma análise detalhada dos materiais, cujos critérios de avaliação baseiam-se em Cagliari (1993) e Travaglia (1997).

O aspecto ortográfico foi avaliado de acordo com a categorização de Cagliari (1993), no livro “Alfabetização e Linguística”. Segundo ele: “O objetivo desta análise de “erros” não é só mostrar como e porque as crianças os cometem (...)” (CAGLIARI, 1993, p.67).

Já os aspectos sintático, morfológico e semântico seguiram o critério sugerido por Travaglia (1997), no livro “Gramática e Interação: uma proposta para o ensino no 1º e 2º grau de ensino”.

Competência gramatical ou linguística é a capacidade que tem todo o usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) de gerar sequências linguísticas gramaticais (...). Aqui não entra julgamento de valor, mas verifica-se tão somente se a sequência (oração, frases) é admissível, aceitável como uma construção da língua. Essa competência está ligada ao que Chomsky chamou de “criatividade linguística”, que é a capacidade de, com base nas regras da língua, gerar um número infinito de frases gramaticais. (TRAVAGLIA, 1997, p. 17-18).

Segundo ele, para que a linguagem funcione como expressão do pensamento, são essenciais as leis da linguística e as da psicologia individual, além da capacidade do homem de organizar logicamente seu pensamento, articulando-o e exteriorizando-o pela linguagem. Acrescenta que, além disso, é fundamental realizar ações, agir e atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor), porque a linguagem é uma forma de interação humana e de interação comunicativa entre interlocutores.

Segundo Piaget

A formulação do pensamento está ligada à aquisição da linguagem como tal ou da função simbólica em geral (...) se a aprendizagem da linguagem fosse devida a condicionamentos teria de ser, forçosamente, muito mais precoce (...) (PIAGET, 1973, p. 64)

Vygotsky (2001) acrescenta a isso a atividade criadora, que é toda a realização humana transformadora de algo novo, podendo tratar-se de reflexão de algo do mundo externo ou ainda de construções cognitivas ou afetivas e que se manifestam somente no ser humano.

E, acrescenta que a capacidade literária da criança baseia-se no acúmulo de experiência, no domínio das palavras e no grau de seu desenvolvimento interior: sua bagagem de conhecimentos prévios.

1.1 Metodologia

A partir da análise dos 40 materiais coletados em diferentes escolas públicas e privadas de São Paulo e dos autores estudados, é possível afirmar que o direcionamento da escola, em relação à escrita, influencia de maneira significativa a forma pela qual o aluno se expressa nos textos escritos. Assim, ele pode redigir um texto dando vazão livremente às ideias, ainda que inicialmente cometa alguns erros na forma/ortografia. Ou, pode se expressar contidamente, com coesão textual, sem erros ortográficos, ainda que, sem fluência.

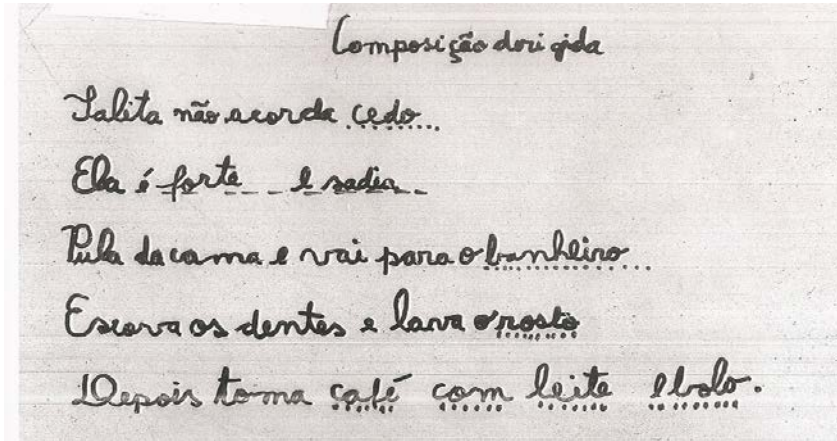
A questão principal é que as crianças estão desde sempre em contato com a língua falada espontânea, informal e, só mais tarde, na escola, é que entram em contato com a língua escrita planejada.

Em função disso, muitos teóricos, rejeitam o denominado modelo de alfabetização técnica, uma vez que acreditam que os procedimentos da língua escrita não só devem levar em conta as práticas exercidas dentro da sala de aula, mas também, toda a prática social.

Além disso, alguns dos teóricos abordados como, Ferreiro (2004), Teberosky (2004) e Trindade (2002) confirmam a correlação existente entre a linguagem oral dominada e o aprendizado da leitura e da escrita entendendo-as como um sistema simbólico inteligente, complexo, relacionado com a práxis social, transcodificando assim os sentidos atribuídos.

Há escolas, que para desenvolverem a escrita da criança, sugerem temas, não necessariamente do interesse delas ou que façam parte do contexto de vida dos alunos. Ou, ainda, dão padrões determinados que as crianças devem utilizar como modelo. Ambos induzem o aluno a escrever de uma forma pré-estabelecida, restringindo a capacidade crítica e expressiva assim o discurso. Em alguns casos, apenas trabalham com a chamada “composição dirigida” em que as

crianças completam espaços pré-determinados de uma história. É o “aluno função” que compreende a exigência da escola: preencher os vazios de um texto sem valer-se do domínio do discurso articulado, cumprindo somente o registro, não produzindo uma abstração linguística.



(RONDON, anexo, 2012)

Essas técnicas de alfabetização não levam em consideração a bagagem que a criança traz consigo. Desta forma, ao valorizarem basicamente a correção ortográfica e sintática, provocam uma dicotomia entre o oral e o escrito.

Há outras escolas que têm a preocupação de enfatizar que saber escrever é uma forma de comunicação como saber falar. Aproveitam a bagagem comunicativa oral que as crianças já possuem, enfatizando assim o objetivo desta pesquisa: observar e identificar a correlação entre a linguagem oral dominada e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.

TÍTULO O rato na bacia ^{negativa}

Em uma bela manhã, um elefante chamado Jô, que vivia com um zoológico, ^{saiu} saiu de seu recinto para tomar sol.

Enquanto ele estava fora, apareceu um rato chamado Bob que foi se refrescar na bacia de água onde o elefante gostava de beber.

Quando o elefante voltou de seu banho de sol, ele estava com muita sede. Mas, ao Jô levou um grande susto ao ver o rato em sua bacia. E disse:

- Com licença, antônio. Esta com muita sede e preciso beber a água da minha bacia.

E o rato Bob respondeu:

- Não vou sair daqui! Já vou para outro lugar!

Jô ficou até triste com a perspectiva do rato. Mas se animou ao ver seu tratado chegar.

O tratado tinha o rato da bacia do elefante e decidiu lhe dar um lar no zoológico.

O rato Bob se ^{re}dependeu de ter sido ^{educado} educado e disse:

- Perdão-me elefante! Quem são meus amigos?

E, ^{ainda} ainda tomou banho!

(RONDON, anexo, 2012)

Para elas escrever deve ser um ato significativo, como esclarece Piaget (1973) ao afirmar que a linguagem possibilita as operações hipotético-dedutivas no que diz respeito à habilidade de manipulação da língua. Portanto, os assuntos deveriam ser do universo infantil e não imposição de modelos prontos. É enganoso aplicar ao ensino os padrões do pensamento adulto e buscar encontrá-los nos comportamentos dos estudantes. Assim, é fundamental que o aluno possa escrever com expressividade e fluência, mas, ainda neste momento com correção ortográfica, o que surgirá e se afirmará ao longo do processo.

Durante o período de aquisição da escrita, as crianças escrevem bilhetes, e-mails, fatos de seu cotidiano, criam e recontam histórias. Essa variedade de estratégias do uso da escrita possibilita ao aluno reconhecer a importância comunicativa dela.

1.2 Resultados

Finalmente verificou-se que ambas as metodologias atingem o objetivo final: ensinar a ler e a escrever. Sabe-se, porém, que escrever para a criança é uma atividade totalmente nova que necessita de um tratamento especial. Como é um sistema simbólico de representação, por meio de sinais, que fazem parte do universo letrado bastante complexo, exigem da criança um ato inteligente, e como diz Rego (1994), Vygotsky refere que:

(...) linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas. (REGO, 1994, p. 53)

Assim, constatou-se que o sistema que aproveita a linguagem oral dominada pelo aluno é o que estabelece a correlação entre ela e a aprendizagem inicial da escrita como um sistema de representação.

A escrita não é considerada só a transcrição sonora de um repertório léxico, mas é um sistema simbólico que faz uso da inteligência pelos sinais (alfabético) para a produção da interação comunicativa.

Referências:

CAGLIARI, Luiz Carlos. 1993. Alfabetização e Linguística. 2ªed. São Paulo: Editora Scipione.

FERREIRO, Emilia e Colaboradores. 2004. Relações de (in) dependência entre a oralidade e a escrita. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed.

PIAGET, Jean. Org. 1973. A Linguagem e as Operações Intelectuais in Problemas de Psicolinguística. 2ªedição. São Paulo: Ed. Mestre Jou, (p. 63-74).

REGO, Teresa Cristina. 1994. Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação. 2ª edição. Rio de Janeiro: ed. Vozes Ltda.

TRAVAGLIA, Luiz Carols. 1997. Gramática e interação: uma proposta para o ensino no 1º e 2º grau de ensino. 3ª edição. São Paulo: Editora Cortez.

TRINDADE, Maria de Nazaret. 2002. Literacia: teoria e prática orientações metodológicas. 2ª edição. São Paulo: Cortez Ed.

VYGOTSKY, L. S. 1987. Pensamento e linguagem. 3ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ed.Ltda.

_____. 2011. La imaginacion y la arte em la infância – ensayo psicológico. 11ª edição. Madri: Akal.